

INTERNET, QUADRINHOS E FEMINISMOS: UMA ANÁLISE AUTOMATIZADA DO *MINA DE HQ*¹⁴⁰

CINTIA LIMA CRESCÊNCIO

GABRIELA ALVES COSTA FERNANDES FERREIRA

FERNANDA ROCHA GONÇALVES

MIRELLA M. MORO

Considerações iniciais

O humor gráfico, os quadrinhos e a ilustração brasileiros construíram expressiva tradição no século XX através da imprensa. Hoje, a internet afirma-se como lugar de divulgação e produção privilegiado. Para grupos comumente ignorados pelo mercado editorial, as redes sociais on-line mostram-se espaços mais democráticos para artistas do traço, mulheres que não são acolhidas em lógicas e práticas tradicionais de publicação. Essas novas fontes são valiosas para a história de cartunistas e quadrinistas mulheres no Brasil, já que ainda há carência de estudos sobre suas trajetórias e produções ao longo do século XX.

Desde a primeira década do século XXI é possível observar um aumento exponencial de quadrinistas e cartunistas mulheres que usam o universo on-line para trabalhar¹⁴¹. Facebook, Instagram e Flickr são alguns dos *sites* que se tornaram lugar de difusão de quadrinhos, tiras, charges e ilustrações produzidas por artistas mulheres no Brasil. Esse movimento estimulou a criação de redes e parcerias que reúnem consumidoras e leitoras de quadrinhos e artistas mulheres, que também firmaram-se no contexto on-line e com frequência protagonizaram uma expansão para fora do mundo digital, com encontros e publicações impressas. O coletivo *Lady's Comics*, de perspectiva feminista, criado em 2011 na cidade de Belo Horizonte, foi uma das primeiras iniciativas nesse sentido.

Em 2015, inspirada pelo trabalho do grupo, Gabriela Borges criou o *Mina de HQ*, projeto feminista que deu origem a um *site*, revistas impressas, um selo independente e um clube de leituras com forte atuação nas redes sociais digitais hoje. É sobre ele que este capítulo se debruça. A partir de uma perspectiva histórica e usando algoritmos computacionais, realizamos uma análise do *site Mina de HQ* através do *web scraping* e *web crawling*. Assim, apresentamos os resultados deste estudo que celebra as potencialidades de pesquisas automatizadas em articulação a um olhar histórico para o *Mina de HQ*, e que considera os efeitos da difusão de discursos feministas para atuação on-line.

Na primeira parte, fazemos uma reflexão sobre os desafios da pesquisa on-line na *História*, problematizando a relação da História com o digital e seus impactos na pesquisa e na leitura. Também apresentamos como a pesquisa se organizou metodologicamente. Na segunda parte, refletimos

140 O presente estudo faz parte do Projeto "Internet como campo de disputa pela Igualdade de Gênero", realizado no Laboratório de Estudos de Gênero e História da Universidade Federal de Santa Catarina com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina (Fapesc) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

141 Muitas destas artistas, mas não todas, têm gênero e feminismo como centro de sua produção.

sobre o contexto de efervescência de quadrinhos e cartuns digitais na internet com maciça presença de mulheres, o que oportuniza a criação de iniciativas como o *Mina de HQ*. Neste momento, apresentamos o projeto e suas formas de atuação. Na terceira e última parte, realizamos a análise dos dados sistematizados via algoritmos que permitem perceber o processo do *Mina de HQ* afirmar-se como uma marca, os esforços de descentralização da produção da região sudeste e o desejo de profissionalização das artistas. Ações que consideramos reflexo de práticas feministas dos novos tempos.

Os desafios da pesquisa on-line na História

Bonnie Smith (2003) aponta como a profissionalização do historiador foi antagonizada pela construção de uma prática histórica amadora, que era protagonizada pelas mulheres na Europa do século XIX. Nessa escrita, as fontes e objetos eram mais amplos do que as da História Científica (documentos oficiais, considerados verdadeiros), num cenário em que cartas, entrevistas e a imprensa emergiram como fontes para as consideradas “amadoras”.

A historiografia em geral, no entanto, considera que a ampliação dos objetos é resultado da atuação dos *Annales* nas primeiras décadas do século XX, no momento de guinada em direção a um diálogo com as Ciências Humanas, potencializado aos longo dos anos 1960, que teria feito triunfar a disciplina História, numa jornada cronológica que levou, segundo François Dosse (2001, p. 122), a “uma dilatação do território do historiador que, por querer unir e reunir, perde muitas vezes sua identidade numa corrida desesperada para alcançar as novidades”. Para ele, isso implica na desconstrução da prática histórica que abandona a meta totalizadora e de síntese, enquanto o “estilhaçamento é favorecido pela possível quantificação do material histórico com o computador” (p. 123).

Esse entusiasmo pelo computador, oráculo dos tempos modernos, nasceu da desconstrução e acentua ainda mais a propensão ao estilhaçamento, à serialização, pois, embora se possam contar séries, não se podem contar sínteses. Outro efeito é privilegiar os fenômenos repetíveis, a longa duração, as permanências, e descentrar o homem como sujeito coletivo da história, massa que resiste à quantificação (DOSSE, 2001, p. 123).

Na crítica à história quantitativa, a crítica ao computador e seus recursos surgiu articulada aos impactos que as novas tecnologias poderiam causar no fazer histórico, indicando caminhos que a prática histórica vinha tomando ao longo do século XX. No mesmo sentido, mas pensando a leitura e, portanto, o texto escrito, Roger Chartier questiona “como pensar a leitura diante de uma oferta textual que a técnica eletrônica multiplica mais ainda do que a invenção da imprensa?” (2002, p. 21). O computador e a tecnologia desestabilizaram e desafiaram uma disciplina fundada no papel. A criação da *WEB 2.0* selou a existência de uma “crise” que ainda não tem sido encarada pela História.

Marcos Napolitano, há dezoito anos, afirmava que a internet “é mais um depósito de informações, um grande arquivo virtual de referência, do que um arquivo material de fontes primárias” (NAPOLITANO, 2005, p. 265). Hoje entendemos que a internet é lugar de conservação e disponibilização de acervos de interesse histórico, como também produtora de fontes de amplo interesse para a História, como *sites* e as redes sociais digitais. O ciberespaço é, também, lugar de mobilização que pode estender-se para o off-line. Os dispositivos tecnológicos servem à organização, comunicação e ação coletiva que extrapolam o universo virtual impactando a vida (TORET, 2013).

Por entendermos a *web* “como um espaço público de construção e discussão de cidadania a partir dos feminismos contemporâneos no Brasil” (LEGH, s.p.), lançamos aqui o desafio de encarar as críticas à “história digital” (CARVALHO, 2014). Uma vez que compreendemos a internet e a *web* como tecnologias que possibilitam a organização e a manifestação dos mais diversos movimentos sociais, é crucial que nos debruçemos sobre ela, pois entendemos o *Mina de HQ* como resultado dos feminismos de novos tempos.

O *Mina* começou como perfil no Instagram em 2015, tornou-se *site* em 2019, e segue usando as redes sociais on-line para agir não apenas no ambiente virtual, mas fora dele, com redes que se formam a partir de quadrinistas que produzem e divulgam seus trabalhos na internet, mas que atuam também off-line, a exemplo de encontros, eventos e publicações derivadas dessas redes, como a própria revista *Mina de HQ*, que tem três edições publicadas e uma quarta em vias de lançamento¹⁴². Raquel Recuero (2014) lembra-nos que as redes sociais representadas no ciberespaço são distintas das redes sociais do espaço off-line, já que conversações e trocas deixam mais rastros no on-line.

Na análise automatizada realizada no *site Mina de HQ*, assim como temia François Dosse (2001), nos deparamos com uma profusão de dados quantitativos que buscamos analisar historicamente e em articulação com contextos específicos. Assim, antes de usar ferramentas computacionais, realizamos intenso trabalho de leitura e estudo do *site*, para direcionar o uso das ferramentas. Inspiradas em metodologia amparada na análise de conteúdo e análise do discurso, buscamos identificar repetições, temas e problemas que integram os debates sobre quadrinhos e gênero hoje no Brasil, como a articulação com quadrinistas e iniciativas da América Latina, a expressiva produção fora da região sudeste, a profissionalização das artistas dos quadrinhos, o uso do humor e da ironia e a emergência de discussões sobre raça, região, sexualidade e identidade de gênero nas HQs entre 2019 e 2022. Ainda que usando recursos automatizados, não abrimos mão da prática histórica para alimentar as ferramentas da maneira mais informada possível. A partir deste trabalho, criamos blocos temáticos para a busca automatizada que gerou gráficos e nuvens de palavras. Agrupamos palavras relacionadas às temáticas das matérias, entrevistas, notícias e eventos publicados e as organizamos em oito blocos, estruturados em eixos temáticos: 1. Ativismo Feminista; 2. Mulheres e Sociedade; 3. Diversidades; 4. Estética; 5. Profissão Quadrinista; 6. Atualidades; 7. Educação; e 8. Regiões, conforme Quadro 1.

Essa análise inicial considerou também os quadrinhos publicados, embora a pesquisa automatizada considere apenas textos escritos, pois ainda não existem recursos eficientes para análise automatizada de imagens.¹⁴³

142 Publicações semelhantes existem também em outros países do Cone Sul. Na Argentina, a revista *Clitoris*, criada em 2010, não apenas se afirmava como lugar para produção de mulheres, como espaço para debate sobre gênero (BORGES, 2020). No Chile, a revista *Brígida*, encabeçada por artistas e criada em 2018, surgiu para criar espaços próprios de produção e difusão (MOLINA, 2022).

143 Também por este motivo, optamos por não fazer uso do @minadehq como fonte de pesquisa neste momento, dada a prevalência e abundância das imagens no Instagram.

Quadro 1

BLOCOS	PALAVRAS-CHAVE
ATIVISMO FEMINISTA	Feminismo, feminista, feministas, direitos das mulheres, direitos, igualdade, representação, mulher, personagens mulheres, personagens femininas, mulheres, sororidade, amizades, artistas, artista, mulher artista, desigualdade, desigualdade de gênero, discriminação, preconceito, misoginia, machismo, sexismo, sexualização, estereótipo, corpo, patriarcado, patriarcal, visibilidade, invisibilidade, reconhecimento, padrão, padrões, militância, militar, ativismo, frágeis, papéis de gênero, universo feminino, estereotipada, empoderamento, empoderar, inclusão, opressão, exclusão, marchas, marcha, luta, livre, liberdade, movimento feminista, interseccional.
MULHERES E SOCIEDADE	Maternidade, mãe, casamento, violência, abuso, estupro, assédio, sexualidade, trabalho doméstico, doméstico, gravidez, aborto, sexo, masturbação, prazer, pornografia, sensual, sensualidade, tesão, nudes, libido, liberdade sexual, política, trabalho, mercado de trabalho, capitalismo, consumo, amor, relacionamentos, afetos, feminilidade, pobreza, privilégio.
DIVERSIDADES	Raça, racismo, antirracismo, etnia, indígena, índio, negro, negra, lésbica, lesbianismo, transexual, travesti, transgênero, mulher trans, mulheres trans, homem trans, homens trans, identidade de gênero, identidade, masculino, masculina, homens, homem, LGBT, LGBTQIA+, LGTBfobia, não-binário, heteronormatividade, homoafetividade, deficiência, capacitismo, queer, diversidade, religião, religiosidade, família.
ESTÉTICA	Humor, riso, ironia, cômico, comicidade, cômica, engraçado, engraçada, graça, rir, sarcasmo, humorada, humorístico, divertido, divertida, absurdo, horror, terror, medo, caos, pânico, grotesco.
PROFISSÃO QUADRINISTA	História, memória, passado, internet, web, webcomic, e-comic, redes sociais, Instagram, Facebook, WhatsApp, YouTube, zap, site, blog, twitter, mídias sociais, imprensa, livros, editoras, revistas, jornais, resgatar, protagonista, protagonismo, recordar, recuperar, tecnologia, processo criativo, criação, criatividade, cultura, escrita, texto, literatura, literário, linguagem, autobiografia, autoficção, técnica, Marvel, DC, Disney, MSP, Turma da Mônica, Maurício de Sousa, princesa, heroína, herói, mainstream, prêmio, premiação, evento, Comic-Con, CCXP, HQMIX, nerd, troféu, indicação, concurso, estudo, estudar, formação, curso, teoria, teórico, plágio.
ATUALIDADES	Covid-19, covid, coronavírus, vírus, vacina, pandemia, quarentena, doença, morte, isolamento, máscara, distanciamento, solidão, saudade, home office, rotina, saúde mental, crise, autocuidado, autoconhecimento, ansiedade, produtividade, burnout, autoconfiança, autoestima, novo normal, Bolsonaro, ele não, bozo, política, político, economia, resistência, discurso de ódio, medo, fascismo, desinformação, fake news, eleições, eleição, esperança, empatia.
EDUCAÇÃO	Educação, ensino, escola, infância, criança, infantil, adolescente, adolescência, professor, professora, pedagogia, didática.
REGIÕES	América Latina, estrangeiro, estrangeira, Brasil, brasileira, brasileiro, norte, nordeste, sul, sudeste, centro-oeste, Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe, Tocantins.

Fonte: Autoras (2023)

Também buscamos identificar as colaboradoras mais recorrentes; a frequência de publicações ano a ano; os tópicos mais fomentados; os bigramas e trigramas mais repetidos; dentre outros. A partir do Quadro 1 e destes interesses, foram produzidos gráficos e nuvens de palavras que analisamos no terceiro tópico.

Quanto às ferramentas computacionais, utilizou-se um *framework* de código aberto, chamado Scrapy¹⁴⁴, que permite realizar duas tarefas importantes: coleta (*web scrapping*) para extrair dados estruturados de páginas *web*, e indexação (*web crawling*) para encontrar ou seguir links nas páginas. A partir da instalação do *framework* e da criação do projeto, é necessário configurar as regras para indexação e coleta (e.g., quais páginas *web* percorrer, como navegar nessas páginas e como extrair dados). Com essa configuração, a ferramenta permite percorrer a árvore de links definidos nas páginas e extrair dados específicos através da estrutura de cada página (e.g., título da página e comentários) (ROCHA, 2022).

144 Documentação on-line do *framework*: <https://docs.scrapy.org/en/latest>

Mina de HQ e a internet como lugar de cartunistas e quadrinistas mulheres hoje

Gabriela Borges, jornalista e autora da dissertação de mestrado em Antropologia *Encuentre su Clitoris - observaciones sobre una revista de historieta de género en Argentina*, publicada pela editora Marca de Fantasia, em 2020, é a fundadora do *Mina de HQ*, projeto que, segundo ela, foi fruto deste trabalho de pesquisa com inspiração no coletivo *Lady's Comics*, a primeira iniciativa brasileira conhecida dedicada a questionar a desigualdade de gênero no universo dos quadrinhos no Brasil. Segundo Gabriela Borges (2019), o *Lady's*, fundado em 2010, deixou uma lacuna na produção jornalística de quadrinhos com perspectiva de gênero quando encerrou suas atividades em 2018. Assim como o *Lady's*, o *Mina de HQ* pode ser pensado como resultado da popularização da internet e de redes sociais on-line suportadas por plataformas como Tumblr, Facebook e Instagram no começo do século XXI, acontecimento paralelo, ainda, a uma expressiva difusão de discursos feministas.

Neste contexto emergiu uma série de grupos que criaram redes sociais nas mais diferentes plataformas virtuais para debater gênero e representação. Tal acontecimento encontra forte expressão no universo das histórias em quadrinhos. Carolina Ito Messias (2018) afirma que o surgimento destas iniciativas é um marco importante no sentido de mostrar as ausências de quadrinistas mulheres. Diante desse novo momento de percepção da *web* como um lugar para as mulheres quadrinistas e consumidoras de quadrinhos, muitos coletivos, grupos, redes e projetos foram criados¹⁴⁵.

O *Mina de HQ*, por sua vez, completa oito anos de história enquanto este texto é redigido, e dá sinais claros de permanência em contexto de fragmentação de iniciativas de vida mais curta. O *Mina de HQ*,

[...] se tornou um selo independente com foco em gênero e representação que reúne pesquisa, curadoria, produção de HQs e conteúdos customizados, parceria com marcas e empresas, organização de cursos e eventos e divulgação de histórias em quadrinhos feitas por mulheres, pessoas trans e não-binárias. (BORGES, 2019, p. 184-185).

Iniciado em 2015, com o objetivo de dar visibilidade para o trabalho de quadrinistas mulheres, pessoas trans e não binárias, o *Mina de HQ* contrapõe-se ao “clube do bolinha” do mercado dos quadrinhos e as premiações. Gabriela Borges, lembrando o contexto de criação do *Mina*, relata que apresentou seu trabalho de dissertação, defendido em 2014, em Buenos Aires (BORGES, 2020), em eventos da loja de quadrinhos Ugrapress, localizada na cidade de São Paulo, e no 1º Encontro *Lady's Comics*¹⁴⁶, realizado na cidade de Belo Horizonte, em 2014 (CRESCÊNCIO, 2022). Em junho de 2015, ela assinou uma coluna na revista *TPM*, onde contribuiu por um ano, fazendo uma crítica ao Troféu HQMIX, em que questiona: “Principal premiação de histórias em quadrinhos do Brasil, reforça que é preciso ser homem para ter espaço no setor em território nacional. Até quando?”¹⁴⁷. Inicialmente pensada como uma página no Instagram para publicar e difundir quadrinhos que sua própria criadora lia e conhecia, o *Mina de HQ* tornou-se um projeto maior que deu origem ao *site*, criado em 2019, a uma *newsletter*, a revistas impressas, que já somam três, e a um

145 Podemos mencionar o *Zine XXX*, de 2013, os grupos de discussão *Mulheres em Quadrinhos*, criado em 2012, e o *site Minas Nerds*, criado em 2015.

146 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nidZA9RTGIE> Acesso em 19/07/2023.

147 Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/quadrinhos-as-mulheres-sao-praticamente-invisiveis-na-hq> Acesso em 19/07/2023.

clube de leitura, chamado Clube Historietas.¹⁴⁸ Vale notar que o Instagram parece afirmar-se como um meio, mas não o foco do *Mina*, que mantém todas suas frentes muito ativas, inclusive o *site*.

É interessante observar uma guinada do *Mina* em direção a um debate sobre gênero, feminismo e sexualidade mais diverso, com sensibilidade às urgentes questões trans, raciais e regionais. Gabriela Borges sempre reforça a inspiração de seu projeto no *Lady's Comics*, mas é interessante notar como tais discussões, especialmente no que se refere a questões trans e de não-binariedade, não eram ainda presentes no momento de maior efervescência do coletivo, com eventos e publicações. A permanente afirmação feminista, também é ponto a ser sublinhado. O *Mina* não é apenas resultado da profusão de discursos feministas nas redes sociais digitais, como não abre mão de usar a internet para promover debates nomeadamente feministas, uma singularidade importante em contexto de debates feministas que evitam o título “feminista”. Em 2020, ela afirmou que

[...] quando o *Mina de HQ* nasceu, o foco estava na produção apenas de mulheres, cis e trans, apesar de o questionamento em relação à cisheteronormatividade e à binariedade compulsória de gênero permear a minha pesquisa acadêmica. Mas segui estudando, escutando, até que decidi incluir na descrição também as pessoas não binárias. E o aprendizado continua. Uma pessoa não tem sua vida marcada somente por seu gênero, mas pela cor de sua pele, orientação sexual, classe social, origem e por aí vai. Seria impossível ter perspectiva de gênero sem levar em conta outros marcados sociais [...] (Revista *Mina de HQ* #1, 2020, p. 22).

Outro fator que merece ser mencionado é o processo de tornar-se um selo independente, fazendo do *Mina de HQ* uma marca. Isso se confirma na assinatura das postagens do *site*, por exemplo, e na parceria com marcas. A partir de 2019, as publicações do *site* passaram a ser predominantemente assinadas como *Mina de HQ* e não pela fundadora. Por fim, destacamos a forte presença do *Mina de HQ* nas redes sociais¹⁴⁹, em especial no Instagram, com mais de 37 mil pessoas seguidoras.¹⁵⁰

É possível dimensionar sua projeção pelo número de seguidoras e pelo apoio recebido por meio de financiamentos coletivos. A publicação da primeira edição da revista recebeu apoio de 444 pessoas, atingindo o valor de R\$ 19.587,00, ultrapassando a meta que era de R\$ 12.000,00.¹⁵¹ A segunda edição foi apoiada por 419 pessoas e arrecadou R\$ 21.769,00, também superando a meta que era de R\$ 19.000,00.¹⁵² A terceira e última edição publicada arrecadou R\$ 24.698,00, tendo recebido apoio de 380 pessoas. Esta campanha ficou abaixo da meta, que era de R\$ 25.000,00.¹⁵³ Durante a escrita deste capítulo, uma campanha para a publicação da quarta edição, prevista para dezembro de 2023, foi lançada. Encerrada em outubro de 2023, a campanha arrecadou R\$ 23.961,00, da meta de R\$ 25.000,00, com financiamento de 351 pessoas.¹⁵⁴ O *Mina de HQ*

148 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nidZA9RTGIE> Acesso em 19/07/2023.

149 *Mina de HQ* também possui uma conta no Facebook que neste momento tem pouco mais de oito mil curtidas, sendo que a última atualização é de setembro de 2022. https://www.facebook.com/minadehq/?locale=pt_BR

150 Disponível em: <https://www.instagram.com/minadehq/>. Acesso em 12/07/2023.

151 Disponível em: <https://www.catarse.me/revistaminadehq> Acesso em 21/07/2023.

152 Disponível em: <https://www.catarse.me/revistaminadehq2> Acesso em 21/07/2023.

153 Disponível em: <https://www.catarse.me/revistaminadehq3> Acesso em 21/07/2023.

154 Disponível em: <https://www.catarse.me/revistaminadehq4> Acesso em 21/11/2023.

ainda conta com um apoio contínuo mensal. Atualmente, o valor arrecadado é de R\$ 1.388,00, com apoio de 83 pessoas.¹⁵⁵

Em 2020 o *Mina de HQ* publicou sua primeira revista. A *Mina de HQ #1* contou com capa assinada pela artista Bennê Oliveira, de Pernambuco; a *Mina de HQ #2* teve capa assinada pela artista Carol Ito, de São Paulo; e a artista Tai Silva, do Pará, assinou a capa da *Mina de HQ #3*. A *Mina de HQ #4*, ainda não publicada, tem capa de Gegê Schall.

A revista é apresentada como “a única publicação impressa feminista e independente sobre histórias em quadrinhos do Brasil”.¹⁵⁶ O *site* anuncia que a revista recebeu homenagem especial do 33º HQMIX e o Prêmio Jayme Cortez, do 37º Ângelo Agostini. Em 2022, a revista foi finalista do 64º Prêmio Jabuti na categoria Fomento à Leitura.¹⁵⁷ É fundamental perceber como a *web*, no caso do *Mina de HQ*, através de redes sociais on-line e do *site*, afirma-se como lugar de visibilização e mobilização feminista, e como as ações off-line mantêm uma centralidade expressiva para iniciativas que debatem quadrinhos e gênero no contexto brasileiro. No caso do *Mina*, a criação das revistas impressas é demonstrativa da permanente intenção de existir e resistir também fora do ciberespaço. As revistas resultam das ações realizadas no ciberespaço, visto como meio, e não fim.

A *Mina de HQ #1* foi celebrada no editorial de Gabriela Borges como a conquista de um sonho pessoal e retrato da necessidade de conhecer novas artistas, outras narrativas, traços e roteiros no aniversário de cinco anos do projeto. Com extensa marca da pandemia, uma vez que foi publicada no final de 2020, a revista conta com quadrinhos de colaboradoras diversas. A *Mina de HQ #2*, publicada em 2021, marca a continuidade de uma revista impressa em contexto de predominância do digital. No momento de sua publicação, em dezembro de 2021, a revista havia sido indicada e premiada pelo 33º Troféu HQMIX. A publicação da segunda revista, em seu editorial, acena para um futuro possível, com o enfraquecimento da pandemia. A *Mina de HQ #3*, lançada em 2022, nomeia seu editorial com a afirmação “afinal, tudo é política”, marcando o contexto de saída do isolamento social, em função da pandemia da COVID-19, e de desestabilização da democracia brasileira em ano eleitoral, ao mesmo tempo que celebra os prêmios acumulados pela revista e os trabalhos realizados com grandes marcas, “como Visa, Kindle e Sesc”¹⁵⁸. Gabriela Borges pontua a causa indígena como elemento central da edição e a importância de conhecer artistas fora do eixo sul-sudeste. Durante a finalização deste capítulo, em novembro de 2023, a *Mina de HQ #3* recebeu o Prêmio Melhores de 2022 como Publicação Independente de Grupo, do 35º HQMIX¹⁵⁹.

Iniciativas como a do *Mina de HQ*, resultado também de práticas e discursos feministas, que nasce nos meios digitais, não apenas impacta e transforma a circulação da informação no ciberespaço, como encontra meios de organização e ação fora dele. De projeto quase pessoal, pensado a partir da criação de uma página no Instagram, o *Mina de HQ* avançou em direção a outras frentes como o *site*, clube de leituras e as revistas impressas. Nossa análise indica o @minadehq como um

155 Disponível em: <https://apoia.se/minadehq> Acesso em 21/11/2023.

156 Disponível em: <https://minadehq.com.br/revistaminadehq/>. Acesso em 12/07/2023.

157 Disponível em: <https://minadehq.com.br/finalistas-do-64o-premio-jabuti/>. Acesso em 12/07/2023.

158 A revista incorpora elementos de outras produções do *Mina*, como o *Mina Indica*, muito frequente na *newsletter*; e o *Entre Quadros*, entrevistas em quadrinhos originalmente publicadas no *site*.

159 Disponível em: <https://blog.hqmix.com.br/noticias/vencedores-35-edicao/> Acesso em 21/11/2023.

meio para a construção de “um olhar independente, feminista e com perspectiva de gênero sobre as histórias em quadrinhos”¹⁶⁰, e não como um fim em si.

História e pesquisa automatizada no *Mina de HQ*

O *site Mina de HQ* apresenta como categorias para navegação direta os campos Quadrinhos para Ler, Sobre HQs, Clube de Leituras, Revista e Apoie! Destas categorias, a que se desdobra em muitos níveis é a Sobre HQs, em que são listadas as seguintes possibilidades de leitura e navegação: Artistas para Conhecer, Resenhas e Dicas de Quadrinhos, Notícias, Livro Digital Gratuito sobre Historietas Argentinas, Artigo “Quadrinhos e Gênero”, Artigo “Historietas Feministas em Latino-america” e Newsletter – Edições Passadas. Os campos permanentemente alimentados são os três primeiros, em que se fala sobre artistas do Brasil e do mundo, apresentam-se resenhas e dicas de quadrinhos e notícias de publicações, eventos, financiamentos coletivos, etc.

A categoria Quadrinhos, em que são apresentados quadrinhos exclusivos produzidos para o *Mina de HQ*, é a de maior volume do *site*, conforme demonstra levantamento de postagens por categoria na figura 1. Ainda na página inicial há links que levam ao Banco de Quadrinistas!/Para conhecer artistas brasileiras, ao quadrinho publicado recentemente, convite para o clube de leituras, notícias e entrevistas em destaque, bem como acesso para outras redes do *Mina*. Merece menção também um formulário intitulado “Quer contratar uma quadrinista?” em que o *site* coloca-se como intermediador de profissionais dos quadrinhos.

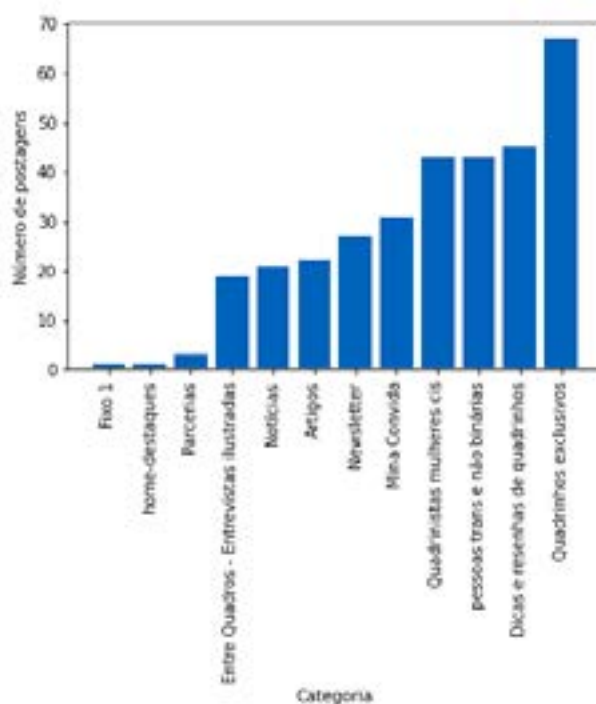


Figura 1 – Número de postagens por categoria no *website*
Fonte: Autoras (2023)

160 Esta frase estampa todas as capas da *Revista Mina de HQ*.

No trabalho de leitura e estudo do site elaboramos perguntas que deram origem a buscas específicas e aos blocos de palavras que geraram 48 gráficos/nuvens de palavras. Um vasto universo de informações que não necessariamente leva-nos a reflexões pertinentes do ponto de vista histórico e contextual, seja porque fizemos a busca de maneira equivocada, seja porque as informações organizadas não permitem conclusões sistematizadas.

Um ponto que nossa análise explorou foi a menção a diferentes regiões do Brasil. Esta busca não foi aleatória. Leituras anteriores e conhecimento sobre os debates que hoje prevalecem no ciberespaço sobre a produção dos quadrinhos de mulheres nos levaram à criação de um bloco de palavras-chave para compreender o cenário nacional.



Figura 2 – Nuvem de palavras gerada automaticamente a partir do Bloco 2 (Regiões)

Fonte: Autoras (2023)

Neste levantamento identificamos alto número de referências à expressão Norte, como demonstra a Figura 2, retrato de inúmeras artistas e coletivos que têm emergido em estados como Pará e Amazonas. Os dados automatizados confirmam uma impressão sobre o cenário dos quadrinhos no Brasil. Anne Ribeiro, em reportagem para a *Mina de HQ #3* (2022), aponta que quadrinistas que não estão no eixo Rio-São Paulo convivem com falta de remuneração justa e invisibilidade em eventos chamados de “nacionais”. Vale mencionar ainda a expressiva organização de quadrinistas dessa região em coletivos, como *MARPARA*, *MáTinta HQ* e *Serendi* (PIRES; CRESCÊNCIO, 2023-prelo).

Apesar de as nuvens de palavras terem se mostrado recursos interessantes, uma vez que servem para ilustrar os blocos de busca criados para a realização do levantamento, elas parecem encerrar sua função aí, uma vez que não apresentaram novidades, apenas confirmando e ilustrando impressões

anteriores ou fruto da leitura do *site*. Os dados organizados em nuvens também demonstram o impacto da pandemia na produção dos quadrinhos, acentuando como expressões como morte e medo emergiram. Tal observação, contudo, pode ser feita com leitura e estudo superficial do *site* e do Instagram do *Mina*.

A Figura 3 demonstra que em cenário de exclusão e desigualdade de gênero, as discussões que prevalecem são sobre ações *on-line*, como indica a menção ao Instagram, à expressão “*site*”, mas também *off-line*, como aponta a menção a “livros” e “prêmio”.



Figura 3 – Nuvem de palavras gerada automaticamente a partir do bloco 5 (Profissão Quadrinista)

Fonte: Autoras (2023)

A prevalência da palavra “história”, que neste caso não aparece combinada a quadrinhos, pode indicar uma preocupação com a história das quadrinistas no Brasil. Entretanto, o destaque da expressão “história” pode significar apenas o seu uso na apresentação de quadrinhos que contam uma história. As nuvens, portanto, parecem indicar caminhos de estudo qualitativo que não encerram a necessidade de navegação e leitura do *site*.

O trabalho de leitura e estudo do *site* foi fruto da compreensão que buscas automatizadas sem trabalho prévio resultariam genéricas. As buscas melhor informadas a partir dos blocos, indicam caminhos, mas demandam refinamento. As nuvens informadas pelos blocos cumprem um papel interessante na ilustração dos textos, mas não permitem análises e reflexões bem informadas historicamente. Já o número de publicações por autora, como demonstra a Figura 4, combinado ao gráfico que identifica as postagens assinadas nominalmente por sua fundadora, permitem observar o processo de construção do *Mina de HQ* como um selo independente e uma marca.

Autora	Publicações
Mina de HQ	108
Gabriela Borges	54
Gabriella Güllich	18
Anne Ribeiro	17
Sâmela Hidalgo	15
Vitorelo	11
Ellie Irineu	11
Natália Sierpinski	9
Larissa Camargo	5
Dani Marino	5
Maria Júlia Lledó	4
Mayara Lista	3
Kel spinelli	2
Carol Ito	2
Nara Bretas	2
Simone A. Fernandes Anastácio	1
Samanta Coan	1
Redação	1
Ana Fernandes	1
Monique Malcher	1
Maria Clara Villas	1
Lia Bloc	1
Cecília Marins	1
Mari Pelli	1

Figura 4 – Publicações por autora

Fonte: Autoras (2023)

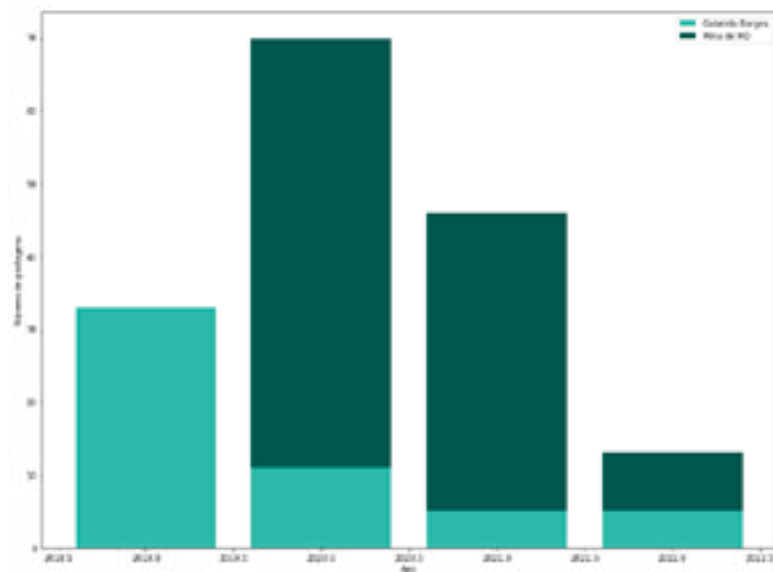


Figura 5 - Autoria Gabriela Borges e Mina de HQ ano a ano

Fonte: Autoras (2023)

Em 2019, quando da criação do *site*, todas as postagens eram assinadas por Gabriela Borges, como demonstra a Figura 5, cenário que muda drasticamente no ano seguinte. O *Mina* começa a ser construído como marca, em um processo de profissionalização que não identificamos em outras iniciativas parecidas (PIRES; CRESCÊNCIO, 2023-prelo).

Outra modalidade de dado que parece indicar caminhos interessantes para uma abordagem histórica, é a identificação de sequências de duas e três palavras mais frequentes. Tais combinações podem eliminar alguns dos desafios impostos pelas nuvens, desconsiderando sequências que se repetem em função da natureza do próprio *Mina de HQ*, como *Mina-HQ* e histórias-quadrinhos. O Bigrama trabalho-independente, por exemplo, reforça não apenas o que é realizado pelo *Mina de HQ*, como também a predominância de artistas mulheres independentes no universo dos quadrinhos nacionais.

Por fim, sinalizamos o encerramento desta análise com uma modalidade de gráfico que anuncia uma percepção já existente sobre o *Mina de HQ*, mas que indica uma luta constante das quadrinistas brasileiras. A percepção do trabalho produzido por elas como arte.

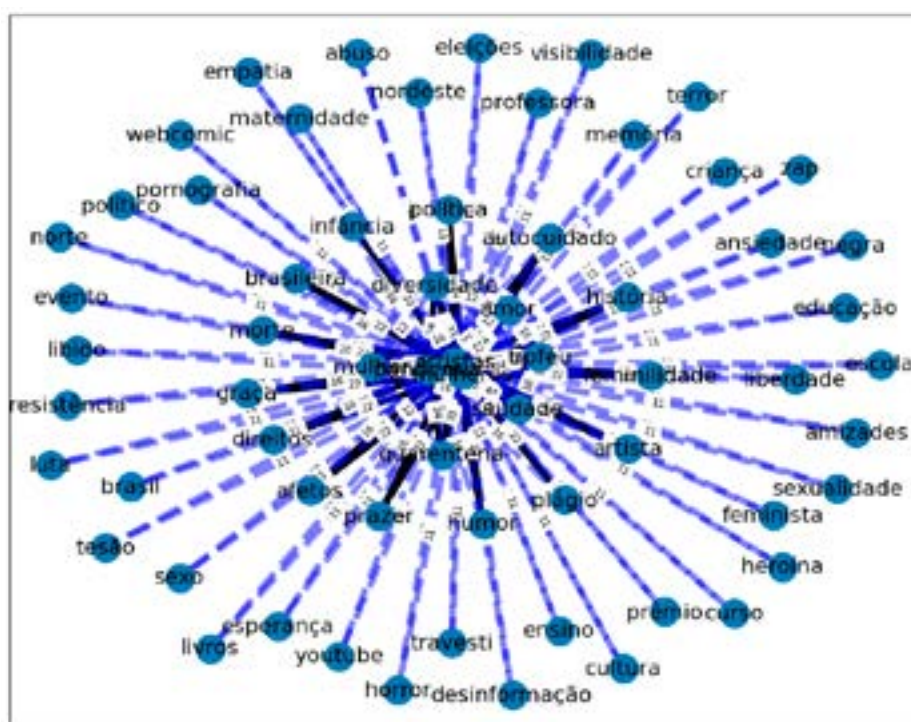


Figura 6 - Conexão de palavras em forma de rede

Fonte: Autoras (2023)

Como análise de métrica mais comumente usada pela análise de redes sociais, a posição do nó permite entender o quão relevante um determinado nó é, ou quão centralizada a rede em torno de determinados nós, através do número de conexões, o grau de intermediação, o grau de centralidade, a influência do nó na rede e por suas conexões (RECUERDO, 2014). A partir desta definição, é fundamental considerarmos a expressão “artista” como nó fundamental do *Mina de HQ*. Para além do esforço de visibilizar, divulgar, intermediar quadrinistas mulheres, assim como de construir o *Mina de HQ* como marca e selo independente, o *site* procura afirmar a identidade artistas em um gênero considerado menor e ainda produzido por mulheres, historicamente entendidas pelo cânone como não-artistas.

Andrea Giunta (2018), preocupada em reforçar a ideia de que existem artistas homens e mulheres, identificados a partir de padrões artificiais de gênero, não desconsidera que um grupo identificado como mulheres representa apenas 30% do que se produz no mundo da arte. Aponta ainda que “A normalização do gosto estético segundo os parâmetros dominantes representados pelos sujeitos que os sistemas administrativos identificam como masculinos permite-nos remeter à patriarcalização do sistema da arte.” (tradução das autoras)¹⁶¹ (GIUNTA, 2018, p. 70). Tal cenário se reproduz no campo das histórias em quadrinhos, em que as quadrinistas são ignoradas por eventos, premiações, pela bibliografia especializada e mesmo por esforços que prometem um panorama dos quadrinhos no Brasil.

Considerações Finais

Apresentamos estas considerações finais na expectativa que este capítulo seja o princípio de discussões importantes sobre o uso de ferramentas automatizadas nas humanidades, em especial na História, e que fomenta um debate urgente sobre feminismo e internet. Organizamos as considerações finais em torno destes dois eixos que consideramos importantes para nós, enquanto pesquisadoras da área, e para quem nos lê, possíveis interessadas em desenvolver tais estudos.

Primeiro, é fundamental pontuar que nosso objetivo era, a partir de uma perspectiva histórica e através do uso de algoritmos computacionais, realizar uma análise do *site Mina de HQ*. Como foi demonstrado nas páginas anteriores, apesar de identificarmos muita potência no uso de ferramentas automatizadas, percebemos que a profusão de dados produzidos, mesmo que diante de muita leitura e estudo, acabou por ilustrar ou confirmar impressões iniciais, ao invés de levantar questões que poderiam ser alvo de análise contextual e bem informada. Tal conclusão demanda uma reflexão importante sobre os usos possíveis dessas ferramentas para análises na área de humanidades, não apenas porque precisamos avançar para debates qualitativos, mas porque a incorporação de tais recursos exige uma renovação metodológica de nosso fazer. Acreditamos que, para além da limitação dos dados, muitas vezes quantitativos, estamos diante de obstáculos técnicos e de abordagem que precisam ser esmiuçados para que o diálogo com pesquisas automatizadas seja de fato potente.

Segundo, precisamos sublinhar um elemento que não era objetivo inicial deste capítulo, mas que é um pano de fundo importante da fonte aqui analisada. A atuação do *Mina de HQ*, e de outras iniciativas similares, que procuram debater o lugar das mulheres na produção de quadrinhos, cartuns, tiras e ilustrações, bem como a desigualdade de gênero visível na difusão, financiamento e consumo da produção de autoria de mulheres, é resultado direto das possibilidades de mobilização e discussão promovidas pela internet, configurando a existência de um feminismo digital que se apresenta, muitas vezes, de modo disfarçado. Isto indica que estamos, de modo irreversível, submetidas a debates que atravessam o digital. Portanto, é urgente que saibamos como encarar estes novos desafios políticos e metodológicos.

161 “La normalización del gusto estético acorde a los parámetros dominantes representados por sujetos a quienes los sistemas administrativos identifican como varones permite referirse a la patriarcalización del sistema de arte” (GIUNTA, 2018, p. 70).

Fonte: minadehq.com.br

Referências

- BORGES, G. Gênero e representação nas histórias em quadrinhos. In: MARINO, D. e MACHADO, L. (ed.). *Mulheres & Quadrinhos*. São José, Skript, 2019.
- BORGES, Gabriela. *Encuentre su Clitoris - observaciones sobre una revista de historieta de género en Argentina*. Paraíba: Marca de Fantasia, 2020.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Faça aqui o seu login: os historiadores, os computadores e as redes sociais on-line. *Revista História Hoje*, v. 3, n. 5, p. 165 - 188, 2014. Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/126/100>. Acesso em 20/07/2023.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CRESCÊNCIO, C. L. «Feminismos, Humor Gráfico e Quadrinhos na Web: uma reflexão a partir do site brasileiro Lady's Comics (2010-2018)», em *Revista Mais que Amélias*. nº 9 (2022), pp. 1-12. Disponível em: <https://rstmaisqueamelias.wixsite.com/maisqueamelias/2022> Acesso em 20/07/2023.
- DOSSE, François. *A história à prova do tempo*. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.
- GIUNTA, Andrea. *Feminismo y arte latinoamericano*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2018.
- MESSIAS, Carolina Ito. *Um panorama da produção feminina de quadrinhos publicados na Internet no Brasil*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- MOLINA, María Isabel. Revista Brígida: un espacio para las narrativas em cómic hecho por mujeres. In: DOMÍNGUEZ, Paloma; HINOJOSA, Hugo; SÁNCHEZ, Jorge (coord.). *Non Sequitur: Variaciones de las Historietas em Chile*. Santiago: Editorial USACH, 2022.
- NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla. *Fontes históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- RECUERO, Raquel. Contribuições da Análise de Redes Sociais para o estudo das redes sociais na Internet: o caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos* 16(2): 60-77 maio/agosto 2014.
- ROCHA, Fernanda. *Extração de Dados de Blogs*. Disponível em: <https://github.com/fernandagonc/blog-analysis>. Atualizado em: 04/06/2022.
- SMITH, Bonnie G. *Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica*. São Paulo: EDUSC, 2003.
- PIRES; CRESCÊNCIO. *Não mexe comigo que eu não ando só: uma reflexão sobre coletivos e iniciativas de mulheres quadrinistas na Internet (Brasil, 2010-) 2023-prelo*.
- TORET, J. (coord.). *Tecnopolítica: la potencia de las multitudes conectadas. El sistema-red 15M como nuevo paradigma de la política distribuida*. Universit Oberta de Catalunya, Internet Interdisciplinary Institute, 2013.